

JURACI DORÉA, UM OLHAR SOBRE A TERRA

Marialda Pinho.¹ EBA/UFBA
marialda.22@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal, trazer uma abordagem sobre o trabalho do artista plástico baiano Juraci Dórea, denominado Projeto Terra. Realizado nos anos de 1980, esse projeto trouxe uma nova concepção nas artes plásticas baianas utilizando a linguagem conceitual para a sua concepção; desse modo, pretende-se refletir acerca do objetivo primordial desse artista que ultrapassou os limites de suas fronteiras para expor ao público o sentido conceitual, regionalista e nacionalista de suas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Plásticas; Arte conceitual; Nacionalismo; Regionalismo; Modernismo;

JURACI DORÉA, A LOOK AT THE EARTH

ABSTRACT: *The main objective is to bring an overview about the plastic artist baiano Juraci Dórea, denominated Projeto Terra. Carried out in the 1980s, this project brings a new conception in the Bahian plastic arts using a conceptual language for their conception. Thereby, is intended to reflect the main goal about this artist that overtake the limits of his borders to expose to the public the conceptual sense and regionalist and nationalist from his works.*

KEYWORDS: *Plastic Arts; Conceptual Arts; Nationalism; Regionalism; Modernism.*

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior ABEC/ Fundação Visconde de Cairú, Bacharel em Artes Plásticas EBA/UFBA, Arte Educadora e Musicista. Docente da disciplina Arte Educação e PPP1 (Prática de Pesquisa Pedagógica) - Faculdade Viconde de Cairu, curso de Pedagogia.

INTRODUÇÃO

A arte conceitual é definida como um movimento artístico do século XX que defende a superioridade das ideias veiculadas pela obra de arte, utilizando o meio para *o fazer* artístico. Segundo a pesquisadora Cristina Freire: [...] “A arte Conceitual dirige-se para além de formas, materiais ou técnicas. É, sobretudo, uma crítica desafiadora ao objeto da arte tradicional.”(FREIRE, 2006, p.10) Sendo assim, a arte conceitual se contrapõe ao tradicional estabelecendo uma nova linguagem na concepção do fazer artístico.

Essa nova linguagem na concepção artística teve início em meados da década de 60, podemos considerar que parcialmente em reação ao formalismo, sendo depois sistematizada pelo crítico nova-iorquino Clement Greenberg, influente crítico de arte dos Estados Unidos ligado ao modernismo. Contudo, já as obras do artista francês Marcel Duchamp (figura 1), nas primeiras décadas do século vinte, já tinham prenunciado o movimento conceitualista, ao propor vários exemplos de trabalhos que se tornariam o protótipo das obras conceituais, como os *ready meadys*. Esse termo criado pelo próprio artista definia os objetos artísticos, sem critérios estéticos, mas, com sentido crítico.



Figura 1: Marcel Duchamp.

Com o avançar das décadas, a arte conceitual começa a recorrer frequentemente ao uso de fotografias, instalações e performances. Alguns artistas tentam desta forma, mostrar a sua recusa em produzir objetos de luxo - função geralmente ligada à ideia tradicional de arte - como os que podemos ver em museus. Ela nada mais é do que uma das inúmeras formas de expressão artísticas possíveis para o desenvolvimento de um trabalho pelo artista plástico. Na década de 60, através das ideias veiculadas pelo grupo Fluxus², a arte conceitual torna-se um fenômeno mundial. O movimento estendeu-se, aproximadamente, de 1967 a 1978.

A Arte Conceitual surge no Brasil, como um campo de expressão artística muito pouco compreendida. Segundo a pesquisadora Cristina Freire: [...] “Isto se deve a muitos artistas, jornalistas desinformados e críticos de arte que a tratam como se esta fosse a única forma de Arte Contemporânea.”(FREIRE, 2006, p.12) No Brasil, Artistas como *Arthur Barrio, Baravelli, Carlos Fajardo, Cildo Meirelles, José Rezende, Mira Schendel, Tunga e Waltércio Caldas* começam a

²O **Grupo Fluxus** foi criado em 1961, em Wiesbaden, na Alemanha, durante o Festival Internacional de Música, sob a liderança de George Maciunas. Era integrado por artistas de várias partes do mundo. Foi um movimento que marcou as artes das décadas de 1960 e 1970, opondo-se aos valores burgueses, às galerias e ao individualismo.

desenvolver trabalhos nessa forma de expressão. No final da década de 60 a conjuntura política repressiva que se instalara em nosso País desarticulou os grupos de artistas conceituais que foram expulsos dos salões, bienais, e galerias.

A década de 70 se caracteriza pela expansão da Arte Conceitual, através de meios artísticos, operando com novos meios tecnológicos com outra modalidade espacial e fragmentada de trabalho denominada - **instalação**. Nessa época, novas tecnologias se associam à operação conceitual do artista, como arte e computador. As características da Arte Conceitual nos anos 70 são a reflexão, a razão e a substituição da vida pela arte. Ela está associada ao clima de uma arte que se relaciona com o público de forma bem diferente, em comparação com a arte da década anterior. Nesta época, surgem no Brasil vários grupos envolvidos com arte conceitual, ou, sobretudo arte como processo experimental, dirigida por conceitos³. Com relação a esse fato, a pesquisadora Cristina Freire afirma:

No Brasil, como no Leste Europeu e América Latina, a **Arte Conceitual** se desenvolve com clara intenção política. A natureza dos meios artísticos e a possibilidade de fácil reprodutibilidade e a sua rede quase oculta de distribuição permitiram em nosso país a expressão de uma arte fortemente crítica ao regime militar, o que não seria possível com os meios convencionais da pintura e da escultura. (FREIRE, 2006, p.16)

O Conceito nacionalista e regionalista em nossa arte ficou evidente no que diz respeito ao trabalho do artista plástico baiano Juraci Dórea, que durante os primeiros anos da década de 80 desenvolveu o projeto Terra. Buscando uma nova linguagem na representação escultórica, compartilhando o seu trabalho com a fonte natural de sua inspiração o sertão e os sertanejos.

*“Achei bom, graças a Deus. Tô perto de morrê, mas vi coisa bunita im meu rancho.”
(Edwirges Cardoso⁴, 76 anos - in memoriam)*

Na raiz do Sertão...

Juraci Dórea (figura 2) nasceu em 15 de outubro de 1944 no Estado da Bahia em Feira de Santana, nas proximidades do bairro da Pedra do descanso que, naquela época servia de rota para os tropeiros. Sua infância e adolescência foram contagiadas pela cultura sertaneja, em meio aos vaqueiros, as boiadas e feiras livres. Em 1968 ele gradua-se em arquitetura pela Universidade Federal da Bahia. Sua primeira exposição aconteceu em 1962, na Biblioteca Municipal Arnold Silva, em Feira de Santana BA.

³Estes grupos não se constituem como escolas de formação, mas como centros de artesanato conceitual, dos quais se destacam o grupo do **On-Off**, em São Paulo, o **Espaço N.O (Nervo Óptico)**, em Porto Alegre, em 1976, e o **Núcleo de Arte Contemporânea**, em João Pessoa, em 1978.

⁴ Moradora de uma casa onde Juracy Dórea pintou um mural, na região de Monte Santo, próximo ao povoado do saco fundo. A casa de taipa e adobe recebeu o mural do artista aos olhos curiosos do povo que passava e observava.



Figura 2: Juraci Dó.

Em meados dos anos 70 ele produziu ilustrações e capas de livros e revistas mantendo um dialogo fértil com um grupo de artistas de Salvador, composto por: Chico Liberato, Sante Scaldaferri, César Romero, Juarez Paraiso e Ruben Valentin. Esse grupo discutia questões relativas à arte brasileira. Nessas discussões eles tentavam mostrar que fora do eixo Rio/São Paulo o Nordeste também apresentava uma produção interessante e importante para a cultura brasileira e que essa produção deveria de fato ser divulgada para outras regiões do Brasil.

Os anos de 1973 a 1975 são marcados pelos temas sertanejos: boiadas, vaqueiros, carros de boi, paisagens de Feira de Santana, festas de Santana (padroeira da cidade). Nesse período ele cria a série *Estandartes de Jacuípe*, utilizando o couro e armações de madeira, dessa fase o próprio artista relata:

Nesta fase, eu começo a trabalhar a partir dos símbolos, é como se eu retornasse aquela simbologia da cidade e tentasse resgatar isso no universo rural – o símbolo das celas dos vaqueiros e de sua indumentária. Eu tento fazer isso em forma de estandarte, como se fossem bandeiras, elementos representativos da cultura sertaneja, mas de uma forma bem simbólica. Saio um pouco da forma da tela, do suporte tradicional. Desenvolvo esse trabalho nos anos 70 paralelamente às pinturas. (DÓREA, 2004)



Figura 3



Figura 4



Figura 5

Estandartes de Jacuípe – 1970

A simbologia se transforma no elemento mais significativo do seu trabalho; uma simbologia associada a sua admiração pela sua terra e pelos movimentos culturais nela inseridos. A Sua ligação com o sertão não transitava apenas no plano de uma simples representação, mas, exaltava a sua paixão e afinidade pelo seu próprio espaço geográfico e as suas tradições culturais, essas

características vieram proporcionar um salto significativo em sua carreira contribuindo para a história das artes plásticas na Bahia.



Figuras 06 e 07 – Mural da Casa de Edvirgens - pequeno povoado a 40 Km de Monte Santo (25/11/1984)

É através de sua obra que Juraci Dórea expressa a sua ligação mais íntima com o sertão. Durante os anos de 1980 ele fez uma série de exposições pelo interior da Bahia. A principal meta desse projeto era fazer uma arte sem referências urbanas e mostrá-las no próprio ambiente que a inspirou, o sertão. Com esse projeto o próprio artista rompe com as tradições artísticas de alguns artistas regionais que mesmo criando, atrelados a sua cultura, suas obras sempre acabavam expostas em museus e galerias. Para o crítico de arte Frederico Moraes havia uma relação muito íntima de Juracy com o seu universo regional, nesse sentido sua análise estética se amplia:

[...] "quer nos seus aspectos estéticos, formais ou semiológicos, começaram a mostrar-se, sem sombra de dúvida, ainda na década de quarenta, quando ele, menino ainda, foi iniciado nos mistérios e segredos do universo sertanejo, pelas mãos de vaqueiros, cantadores, violeiros, tropeiros e outros personagens desse mundo de magia e misticismo, com os quais conviveu em Feira de Santana. Ao expor seus quadros em feiras livres, alpendres, abrigando-os em varais à sombra de "frondosos umbuzeiros, quais insólitos *outdoors* entre cabos, bois magros e xiquesxiques", ou pintando seus murais em velhos muros de adobe ou taipa em algum rincão perdido do sertão, Juraci está realizando, à sua maneira, a arte pública" [...] (MORAIS, 1985, p.03).

Com essa prática, podemos afirmar categoricamente o conceito regionalista desse artista que se desvincula dos padrões da arte contemporânea até então, não associada a museus e galerias, mas se encontrando com o povo. O Projeto chamou a atenção dos críticos, justamente por mudar o circuito tradicional da obra de arte, tirava-a dos locais previstos e previsíveis. Criava uma inter-relação entre o povo colocando-os frente a frente com a sua própria cultura. Os locais escolhidos para a execução do projeto foram: Feira de Santana, Monte Santo, Canudos e o Raso da Catarina.



Figura 08 e 09 – Exposição – Mercado se Santa Rosa - pequeno povoado a 40 Km de Monte Santo 10/02/1985.

Projeto Terra

Ao participar, de um concurso instituído pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, Juraci Dórea encaminhou um projeto que dava seguimento a ideia da veiculação de sua obra inter-relacionando com o público, a proposta foi intitulada: *Projeto Terra*. Esse projeto colocava em evidência certas questões da arte contemporânea e optava por uma mudança radical no que diz respeito ao processo de veiculação das obras: elas não seriam mostradas em museus ou galerias de arte, mas no próprio espaço do sertão.

Em 1981, ele deu início e materializou o Projeto Terra, um dos projetos mais significativos de arte conceitual realizado em nosso Estado; o sertão é a referência para o seu trabalho justificado pelo pesquisador Ney Todero:

[...] é o ponto máximo de referência em todos os sentidos transformando-se em algo multireferencial, local de nascimento e de moradia, de retirada do sustento familiar, e, especialmente, de alimento cênico para o seu trabalho. É o lugar no qual o olhar do autor se aprofunda, brilha, ri, chora e vê nele motivos estéticos. (TODERO, 2004, p.59).

Nos finais do ano de 1983, O Projeto Terra recebeu uma bolsa de trabalho concedida pelo Instituto Nacional de Artes Plásticas, órgão da Funarte, através do Concurso Ivan Serpa, que foi realizado naquele ano com o objetivo de apoiar a produção de artistas plásticos contemporâneos. Com essa bolsa, o Projeto ampliou sua área de atuação, alcançando novos municípios do sertão baiano.

Além dos murais e exposições em feiras livres, o Projeto Terra também realizou o assentamento de esculturas em couro cru e madeira que funcionavam como uma espécie de totens ou marcos solitários, de grande impacto visual.

Composta por obras tridimensionais, em couro curtido e madeira, essas obras eram inspiradas numa cena muito comum na caatinga, inclusive até os dias de hoje: os couros de boi esticados sobre varas e deixados ao sol para secar. A proposta foi uma das seis vencedoras do concurso e, em junho de 1982, Juraci começou a construção da primeira escultura. O local escolhido foi um velho pasto da Tapera, fazenda localizada a poucos quilômetros de Feira de Santana.



Figuras 10 e 11 – artista em processo de montagem de sua obra.

Durante a exposição, Juraci fotografava documentando as reações do público que involuntariamente se transformava em uma extensão do seu trabalho. O crítico de arte Frederico Moraes relata:

[...] observa que se trata "de um material fascinante, de grande valor sociológico e antropológico, na medida em que revela o conceito que as populações rurais têm da arte. Bunitiza para um, ispera ou tocaia de tema para outro, apenas um ofício, entre muitos, para a maioria, um objeto de início assustador, ou um novo começo". (MORAIS, 1987, p.14)

A reação do público era registrada e analisada pelo artista que em catarse considerava o grande complemento do seu trabalho. Não haveria uma obra sem a participação do público, que muitas vezes em cada região onde ocorriam as montagens das esculturas, reagiam distintamente, proporcionando ao artista uma série de inspirações para novas produções.

Feira de Santana é o ponto de partida para o assentamento das primeiras esculturas. Surgida a partir de um ponto de pouso de boiadeiros e tropeiros que iam e vinham do sertão para a capital, a cidade cresceu à sombra de sua feira livre e da feira de gado que ainda hoje, semanalmente, reúne moradores dos mais diversos pontos do sertão da Bahia.



Figura 12 – Escultura do Campo do Gado – Feira de Santana – 01/10/1984



Figura 13 – Escultura de Canudos – Margem do Rio Vaza Barris - 13/10/984

[...] Não seria totalmente absurdo falar-se de uma arte conceitual ou processual sertaneja, e também de uma arte ecológica (Earth ou land-art) e de arte “povera”, na medida em que ele emprega materiais “pobres”, que ele busca uma “identificação cultural e paisagística com a região” [...] (MORAIS, 1985, p. 04).

Comungando com a análise estética acima, a relação com a arte *povera*⁵ é bastante evidente no trabalho de Juraci Dórea; nos moldes citados acima, sofre uma interferência do tempo e do público que muitas vezes sem compreender muito bem o que estava acontecendo, se aproximava da obra no intuito de tocá-la e até mesmo desmontá-la. O trabalho de Juraci Dórea vai além da província cultural para se propor como arte sertaneja e rural, principalmente na objetividade da relação com a população local, recuperando o seu papel unificador, a arte posta a serviço do homem.



Figura 14 - Escultura de Tune, Tapera, entre Feira de Santana e São Gonçalo, Bahia, 20 de abril de 1988.



Figura 15 - Escultura do raso da Catarina, área da reserva ecológica, entre os municípios de Jeremoabo e Paulo Afonso – 16/11/1984

Essa relação intrínseca registrada em fotos como podemos observar na figura 12, reflete a relação íntima do artista com as suas raízes regionais e mais ainda, a aproximação do público motivados pela curiosidade de desvendar a sua obra. Em algumas situações as crianças brincavam com o seu trabalho interagindo em um jogo lúdico e simbólico proporcionando ao artista uma satisfação catártica, motivando-o a expandir o seu projeto nas regiões mais extremas do sertão baiano.

⁵ Arte povera ou arte pobre é um movimento artístico que se desenvolveu originalmente na segunda metade da década de 1960 na Itália. Os seus adeptos utilizam materiais de pintura (ou outras expressões plásticas) não convencionais, como por exemplo: areia, madeira, sacos, jornais, cordas, terra e trapos) com o intuito de "empobrecer" a obra de arte, reduzindo os seus artifícios e eliminar as barreiras entre a Arte e o cotidiano das sociedades.



Figura 16 – Escultura em São Gonçalo - 1992

Em 1988, o Projeto Terra foi escolhido para representar o Brasil, juntamente com os trabalhos do paulista José Resende, na 43^o Bienal de Veneza. Participou ainda da 19^a Bienal Internacional de São Paulo e da 3^a Bienal de Havana e da mostra Pintura e Escultura do Nordeste do Brasil, em Lisboa. O Projeto Terra fez nome no sertão baiano, virou prosa nas violas e versos nos cordéis, ultrapassou as barreiras do preconceito e da falta de apoio e fez acontecer revertendo o sistema de circulação da obra de arte. Para homenagear o artista, a cidade de Feira de Santana mantém um monumento oficial, em uma das praças mais importantes da cidade.



Figura 17 - Monumento “Caminhos de Feira de Santana - 1991.

O artista hoje é professor e chefe de departamento da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), coordena diversos projetos e ainda da continuidade ao Projeto Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Juraci Dórea, com o Projeto Terra, inovou a linguagem das artes plásticas na Bahia e no nordeste nos anos 80 e 90. Esse projeto nasceu em pleno período da ditadura militar quando a arte e a cultura estavam sob os olhos atentos da censura. Esse artista, através da linguagem de seu próprio projeto, se enveredou para um nacionalismo e um regionalismo puramente conceitual, rompendo os paradigmas da arte vigente da época.

Completamente inovador em nosso Estado, ele rompeu os laços com as galerias e partiu para uma exibição plástica direta com a sua origem regional se encontrando com o homem do campo. Esse público, muitas vezes desprovido de uma educação básica de qualidade, muitos até nunca haviam frequentado uma escola, e dificilmente teriam a oportunidade de conhecer as manifestações de uma linguagem artística, um público carente de elevação intelectual, mas, com um olhar atento movido pela sua sensibilidade sertaneja de observar e interagir.

Essa atitude inverteu o mecanismo tradicional da circulação de uma obra de arte vigente dentro das grandes cidades, criando um itinerário novo e a sua arte nesse sentido, se transformou em comunhão e despontou para uma relação direta com o público. Nessa relação prevaleceu o verdadeiro sentido da arte pela arte.

REFERÊNCIAS

ALMANDRADE. *100 Artistas Plásticos da Bahia*. (Texto de comentário do livro).

ALMANDRADE. *Do Moderno ao Contemporâneo*. *Revista da Bahia*, Salvador, p. 17, abr. 2005.

AYALA, Walmir. *Dicionário Brasileiro de artistas plásticos* – Brasília, Instituto Nacional do Livro – 1977.

BRITO, Reynivaldo. + *100 artistas plásticos da Bahia*, Salvador - prova do artista – 2001.

DÓREA, Juraci. *Projeto Terra: Canção nº07/ Fotos Juraci Dórea e texto de vários autores*. – 1985.

COELHO, Ceres Pisani Santos. *Artes Plásticas. Movimento Moderno na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1973 (Tese para concurso de professor assistente Do Departamento I da Escola de Belas Artes).

FREIRE, Cristina. *Arte Conceitual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed. 2006

MORAIS, Frederico. *A Arte Popular e Sertaneja de Juraci Dórea*. Ed. Semiótica Visual, 1987.

TODERO, Luiz Ney. *De Canudos a Veneza: o projeto terra do artista plástico Juraci Dórea*. 2003. 186 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DÓREA, Juraci. *Projeto Terra: Breve Notícia* – Disponível em:

http://www1.uefs.br/nes/juracidorea/publicacoes/projetoterra_brevenoticia.pdf